

Um cineasta com o Brasil na cabeça

Fotos Sérgio Afonso



NELSON PEREIRA dos Santos, sócio do RC do Rio de Janeiro: inspiração nos livros para refletir sobre a realidade social brasileira

Nuno Virgílio Neto*

Sem esconder sua satisfação com o fato de ter entrado para o Rotary (desde agosto do ano passado ele é sócio do RC do Rio de Janeiro), o diretor Nelson Pereira

dos Santos, um dos nomes mais importantes da história do cinema brasileiro, recebeu a **Brasil Rotário** em sua produtora, no Rio de Janeiro, para esta entrevista.

Envolvido com o lançamento de um novo filme – o documentário “Português, a língua do Brasil” – e com a restauração de sua obra completa (que deve ser lançada em DVD no ano que vem), ele falou sobre cinema, sua paixão pela literatura e, claro, sobre essa nova experiência como rotariano.

BRASIL ROTÁRIO: Depois de um ano no Rotary, qual a sua avaliação sobre o nosso clube de serviços?

NELSON PEREIRA DOS SANTOS: Meu primeiro contato com o Rotary aconteceu em 1962, na cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, onde estava filmando “Vidas Secas”. Lá fui convidado para assistir no Rotary Club à palestra de um padre famoso na região, uma liderança local. Participar de uma reunião rotária foi uma descoberta para mim. Acho que uma instituição como o Rotary, que tem a solidariedade como base, é vital no mundo de hoje e no país em que vivemos. Por isso eu vejo o Rotary com muita admiração e respeito, e fico feliz de ter sido aceito como sócio e poder participar dele.

Qual é o grande valor do Rotary na sua opinião?

Estar presente em todas as partes – seja nas grandes cidades, nos municípios menores ou nas pequenas comunidades – e poder atuar em conjunto.

Seu novo filme, “Português, a língua do Brasil”, é um documentário sobre a língua portuguesa. Fale um pouco sobre ele.

Primeiro de uma série de cinco filmes sobre a língua portuguesa no Brasil, cada um dirigido por um autor



O ENTREVISTADO em sua produtora, no Centro do Rio

diferente, esse documentário traz a opinião dos membros da Academia Brasileira de Letras sobre o tema. A idéia é registrar depois como o português é falado, por exemplo, pelos índios, na favela, no sertão nordestino – mostrando a presença da língua portuguesa no país e suas variedades sociais e regionais.

Falando nisso: todos nós, seus fãs de carteirinha, em março do ano passado aplaudimos sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, tornando-se o primeiro cineasta a merecer o reconhecimento da nata dos intelectuais brasileiros. Uma curiosidade: eles comentam os filmes que você fez?

Há uma troca sim, principalmente com o Padilha (o também acadêmico Tarcísio Padilha, ex-presidente da ABL), com quem eu tenho uma relação muito especial – ele é um pouco o meu “conselheiro” – e por quem eu tenho a maior admiração. Mas em junho de 2005, antes mesmo de ser candidato, fui convidado pela Academia para uma mostra de qua-

“Acho que uma instituição como o Rotary, que tem a solidariedade como base, é vital no mundo de hoje e no país em que vivemos”

tro filmes meus baseados em obras literárias, sempre com debates e a presença de críticos de cinema e literatura.

Um apaixonado pelos livros, você adaptou para o cinema a obra de grandes escritores, como Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Jorge Amado e Guimarães Rosa. Qual o segredo de uma adaptação?

Segredo não tem, porque não existe um método, uma forma especial de fazer isso. Acontece que a minha formação foi muito ligada à literatura, desde o tempo do colégio. E eu sempre digo que gosto dos livros porque tive um bom professor de português e literatura, que incentivava muito a leitura das obras literárias para o conhecimento da realidade. Ele mostrava o papel da literatura para se conhecer melhor o Brasil.

A Fundação de Rotarianos de São Paulo sedia a seção brasileira da Comissão Interpaíses Brasil-Portugal & Países de Língua Oficial Portuguesa, entidade que desenvolve projetos destinados a



ALGUNS DOS troféus conquistados em mais de 50 anos de carreira



NELSON COM o fardão durante a posse na Academia Brasileira de Letras

aproximar os povos que falam português. O intercâmbio de filmes entre esses países pode colaborar com esse objetivo?

Sim, ajudaria enormemente, porque o cinema leva a língua falada. A língua escrita apresenta dificuldades, como o problema do acordo ortográfico. Eu doei filmes para Angola há muito tempo. O distribuidor tem um valor comercial internacional, mas eu e outros abrimos mão dos direitos para que esses filmes pudessem ser comprados por Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Com o lançamento deles em DVD, nós poderemos distribuí-los nesses países e ter um relacionamento mais freqüente com eles.

Nos últimos anos, você se dedicou mais aos documentários que aos

“Gosto dos livros porque tive um bom professor de português e literatura, que incentivava muito a leitura das obras literárias para o conhecimento da realidade”

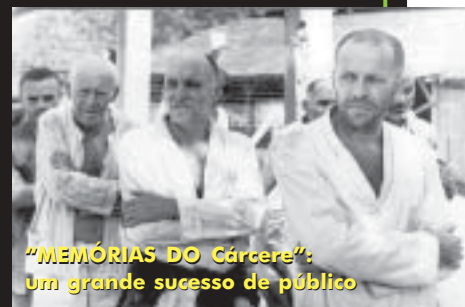
FILMOGRAFIA

- Rio, 40 Graus (1956)
- Rio, Zona Norte (1957)
- Mandacaru Vermelho (1961)
- Boca de Ouro (1963)
- Vidas Secas (1963)
- El Justicero (1967)
- Fome de Amor (1968)
- Azylo Muito Louco (1971)



“VIDAS SECAS”: indicado à Palma de Ouro em Cannes

- Como era Gostoso o Meu Francês (1972)
- Quem é Beta? (1973)
- O amuleto de Ogum (1975)
- Tenda dos milagres (1977)
- Na estrada da vida (1981)
- Memórias do cárcere (1984)
- Jubiabá (1987)
- A terceira margem do rio (1994)
- Cinema de lágrimas (1995)
- Raízes do Brasil (2004)
- Brasília 18% (2006)
- Português, a língua do Brasil (2007)



“MEMÓRIAS DO Cárcere”: um grande sucesso de público

filmes de ficção. Podemos dizer que esse tem sido um reencontro com suas raízes de jornalista, sua profissão antes de tornar-se diretor de cinema?

Talvez. E graças à televisão fechada, o documentário brasileiro começou a crescer. Nunca se produziu tanto no Brasil. No ano passado, quando fui presidente do júri do Festival do Rio, dos 22 longas-metragens brasileiros, 12 eram documentários – e a maioria merecedora de um bom prêmio. Também acho que uma das explicações se deve ao fato de que muitas vezes a ficção deixa a desejar. A realidade é muito mais rica que a ficção, só pode ser isso! (risos)

E o mercado de cinema no Brasil?

Nosso mercado cinematográfico foi “multado” pela indústria americana. A economia do cinema no Brasil está ligada à economia de Hollywood, à sua distribuição e exibição. E é uma economia frágil, porque depende do Estado, e só existe porque há patrocínios, investimentos e subsídios. Caso contrário não teríamos produção de cinema no Brasil. Mas para haver uma indústria precisam existir três pernas: produção, distribuição e exibição. O cinema brasi-

“O cinema brasileiro só tem a perna da produção, e mesmo assim graças ao apoio do Estado”

leiro só tem a perna da produção, e mesmo assim graças ao apoio do Estado.

Mas novidades como a TV digital e a internet podem facilitar o acesso dos filmes brasileiros ao grande público e ajudar a resolver esses problemas? As novas mídias digitais têm provocado uma revolução no mercado fonográfico, por exemplo.

É uma guerra. Está desencadeada uma corrida violenta por esse mercado. Mas o Brasil tem uma grande vantagem, embora de vez em quando a gente se esqueça disso: dentro do nosso país existe um outro país, com no mínimo 60 milhões de pessoas que ainda não chega-

ram ao mercado de consumo. E eu tenho esperança de que a maqui-ninha do desenvolvimento brasileiro seja retomada.

Precisamos conquistar esse público, inclusive criando salas de cinema nas áreas carentes. O cinema brasileiro tem condições de competir. Há muitos filmes prontos sem espaço para serem exibidos, mas são filmes bons. Nós temos profissionais muito talentosos, bons diretores, bons escritores, gente na área de criação em geral – e nisso há uma grande contribuição da televisão. Apesar de todas as dificuldades, o Brasil produz anualmente 50, 60 filmes. Poderíamos dobrar esse número com a maior facilidade.

Você gostaria de deixar uma mensagem final para os nossos leitores, agora seus companheiros rotarianos?

Eu gostaria de manifestar mais uma vez que me sinto muito feliz por ter sido aceito no Rotary e por ter essa oportunidade de conviver com todos vocês e com essa variedade de personalidades, atividades e conhecimentos. Para mim, cada reunião no Rotary é valiosa.

* O autor é jornalista.

Quando o cinema foi para as ruas



Nascido em São Paulo em 1928, Nelson Pereira dos Santos é um dos diretores mais destacados e premiados do cinema brasileiro. Graduado em direito, trabalhou alguns anos como jornalista antes de começar a produzir curtas-metragens e atuar como diretor assistente. Sua estréia como diretor aconteceu em “Rio, 40 Graus” (1955), filmado nas ruas da cidade com a participação de pessoas reais – e considerado por muitos o marco do Cinema Novo, movimento dos anos 60 e 70 que criou um cinema genuinamente brasileiro, e que é reconhecido até hoje em todo o mundo.

O filme “Vidas Secas” (1963), adaptação do romance homônimo de Graciliano Ramos e vencedor de vários prêmios internacionais, é outra obra-prima do cineasta, um homem atento ao Brasil e à realidade do nosso povo, e sempre preocupado em refletir as grandes questões do país em seus filmes. Membro da Academia Brasileira de Letras, atuou como professor em universidades do Brasil e do exterior. Entre outros títulos e condecorações, Nelson é comendador da Ordem de Rio Branco e cavaleiro da Legião de Honra da República Francesa.



Fotos: Regina Filmes / Divulgação